



# A AFETIVIDADE NA PERSPECTIVA DO ENATIVISMO LINGUÍSTICO

**Palavras-Chave:** EMOÇÕES, ENATIVISMO LINGUÍSTICO, TEORIA RELACIONAL

**Autores(as):**

**PAOLA LONGO MANTOVANI, IFCH – UNICAMP**

**Prof. Dr. MARCO ANTONIO CARON RUFFINO (orientador), IFCH – UNICAMP**

---

## INTRODUÇÃO:

Discussões sobre a natureza da afetividade mobilizam distintas áreas de conhecimento, tais como a filosofia da mente, filosofia das emoções, psicologia, psiquiatria e ciências cognitivas. No entanto, embora a afetividade represente um dos mais importantes aspectos da vida das pessoas em termos de adaptação e sobrevivência, há pouco consenso sobre a sua natureza na literatura e também no senso comum. Ainda que, por um lado, saibamos o que é sentir raiva, medo ou tristeza, compreender a natureza das emoções é uma tarefa complexa. E é essa questão que orientará os objetivos gerais desta pesquisa, a saber, qual a natureza das emoções?

O Enativismo Linguístico é um enquadramento teórico para uma abordagem não representacional, corporificada e social da linguagem, que expande a teoria enativa (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2016) e que, embora faça parte de uma concepção mais ampla de cognição corporificada, oferece um maior aprofundamento na concepção de corpo. (DI PAOLO; CUFFARI; DE JAEGER, 2018). Esta teoria se baseia na proposta das três dimensões de corpo, orgânico, sensorio-motor e intersubjetivo, e nos conceitos chave da teoria da autopoiesis que propõe a continuidade entre vida e mente (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2016). Os autores propõem que o paradigma central da perspectiva enativista linguística centra-se em conceber “a vida mental como um contínuo engajamento significativo entre agentes corporificados precariamente constituídos e os mundos de significados que realizam a partir das atividades auto afirmativas” (DI PAOLO; CUFFARI; DE JAEGER, 2018, p. 20). Isso significa que a perspectiva enativista linguística rejeita a dicotomia entre interno e externo, bem como entre corpo e mente, e postula que a cognição se institui entre organismo, ambiente e demais organismos. Assim, é a partir dessa proposta de aprofundamento da corporeidade que os autores apresentam uma teoria que nos permite oferecer uma concepção de emoção que considere tanto os tradicionais aspectos corpóreos e cognitivo-avaliativos, quanto os demais aspectos interacionais, históricos e sociais que parecem compor um episódio emocional.

Nesse contexto, a presente pesquisa tem por objetivo: (1) sistematizar as principais teorias afetivas localizadas na literatura a partir de duas tradições; (2) evidenciar a fragmentação cognitivo-

corpórea nas tradições localizadas; (3) apresentar as teorias da afetividade situada e da construção psicológica como de múltiplos aspectos para a ontologia da afetividade e, (4) investigar as similaridades e diferenças entre o Enativismo Linguístico e as teorias de múltiplos aspectos. Por fim, (5) explorar como uma perspectiva enativista autopoiética linguística pode contribuir para uma teoria relacional das emoções

## **METODOLOGIA:**

Trata-se de um estudo qualitativo com foco na compreensão da natureza dos estados afetivos. Em virtude disso, a principal ferramenta de análise do presente trabalho consiste na leitura da bibliografia mais relevante sobre o assunto, bem como na análise e produção de argumentação filosófica, e investigação conceitual.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

As principais teorias encontradas na literatura podem ser sintetizadas a partir de duas perspectivas, a saber, a tradição corpórea e a tradição cognitivista-avaliativa. A tradição corpórea sustenta que o que melhor caracteriza a afetividade são as alterações fisiológicas. Dentro dessa tradição, destacam-se a teoria das emoções básicas (EKMAN, 2011) e a teoria somática (JAMES, 2008). A teoria das emoções básicas compreende as emoções enquanto programas biológicos, inatos, universais e ativados automaticamente. A teoria somática, por sua vez, postula que as emoções são percepções de mudanças corpóreas. Embora ambas apresentem diferentes orientações teóricas em questões específicas, compartilham o paradigma central da tradição corpórea, a saber, de que as emoções se localizam essencialmente no corpo e quaisquer outros aspectos se tornam contingentes para a compreensão da natureza dos episódios emocionais.

A tradição cognitivista-avaliativa, por outro lado, conceitua estados afetivos enquanto estados cognitivos de avaliação. Tal tradição será brevemente exposta a partir das teorias avaliativa e motivacional. A teoria avaliativa postula que uma emoção é essencialmente um modo de pensar e de avaliar o mundo. Embora a literatura seja bastante vasta no que tange as versões das teorias avaliativas, os seus principais representantes, dentre os quais destacam-se, Arnold (1960) Lazarus (1991), Nussbaum (2008) e Solomon (2015), convergem em certos pressupostos teóricos, sendo eles: (a) Emoções são intencionais, ou seja, direcionam-se a certas coisas no mundo; (b) Emoções dizem respeito ao modo ativo do sujeito perceber e interpretar o mundo, ou seja, os objetos, pessoas e situações são percebidos, discriminados e avaliados como importantes em relação a algum aspecto da vida do próprio indivíduo; (c) Emoções são formas de juízos avaliativos baseados em crenças. Isso significa que quando sentimos raiva de alguém, por exemplo, esse estado afetivo é produto de uma avaliação baseada na crença de ter sido injustiçado ou prejudicado por essa pessoa (ARNOLD, 1960; LAZARUS, 1991; NUSSBAUM, 2008; SOLOMON, 2015). A teoria motivacional (DEONNA; TERRONI, 2012), por sua vez, postula que o aspecto mais relevante da afetividade é a forma como ela motiva a

ação, ou seja, como energiza o comportamento e altera a prontidão para agir diante de um propósito ou objeto formal no mundo.

Ao sintetizar as principais teorias da afetividade localizadas na literatura, evidencia-se a fragmentação e o internalismo presentes nas ontologias tradicionais acerca das emoções. As tradições corpórea e cognitivista-avaliativa compreendem a afetividade enquanto restrita ao organismo, seja a partir do corpo ou da mente, e o meio externo atuaria somente como um estímulo eliciador, não assumindo nenhum outro papel constitutivo na sua natureza.

Ao que se segue, as teorias da afetividade situada e da construção psicológica, nomeadas aqui por *teorias de múltiplos aspectos*, pretendem apontar para mais de um aspecto na ontologia das emoções, em oposição a oferecer um eixo central sobre a sua natureza, tal como propunham as supramencionadas tradições corpórea e cognitivista-avaliativa. A teoria da construção psicológica conceitua as emoções como construções de conceitos possibilitados por um cérebro preditivo e que oferecem significados aos afetos corporais experienciados em um certo contexto. Barrett (2017), uma das principais representantes dessa teoria, postula que os aspectos mais relevantes para essa concepção são um cérebro preditivo, os afetos corporais e a capacidade de conceituação. A teoria da afetividade situada (GRIFFITHS; SCARANTINO, 2009), por sua vez, sugere que as emoções são estratégias sociais, constitutivamente ancoradas e sustentadas pelo ambiente externo, cuja função é influenciar e modificar o comportamento de outros organismos. É evidente, portanto, que as teorias de múltiplos aspectos contribuem para o questionamento acerca da dicotomia corpo-cognição ao considerarem distintos aspectos na concepção da afetividade, mas argumentamos que ainda resguardam certos paradigmas teóricos representacionistas, funcionalistas e internalistas, que são divergentes de uma concepção relacional de afetividade, tal como proporemos a partir do Enativismo Linguístico. Assim sendo, as teorias da construção psicológica e da afetividade situada, bem como o enativismo linguístico podem ser consideradas teorias de múltiplos aspectos, uma vez que consideram demais aspectos, para além do corpóreo e do cognitivo-avaliativo, na conceituação dos estados afetivos. No entanto, tais perspectivas diferem-se em premissas teóricas importantes. O enativismo linguístico rejeita o caráter individualista, internalista, funcionalista e representacional da afetividade. Dessa forma, sugerimos a não suficiência em considerar os aspectos corpóreos, cerebrais e ambientais na compreensão dos processos afetivos, tal como propõe as teorias da construção psicológica e da afetividade estendida. A partir de uma perspectiva enativa linguística é necessário considerá-los essencialmente em interação e em (co) construção.

Assim sendo, nos parece que o arsenal teórico do Enativismo Linguístico permite considerar a natureza relacional da afetividade e a conceituar enquanto *modos de relacionalidade* emergentes e co-construídos a partir da complexa rede de relações e tensões entre as dimensões do corpo (orgânica, sensório-motora e intersubjetiva) e os aspectos sociais, históricos, corporais, fenomênicos, intersubjetivos, interacionais e de desenvolvimento. Ao argumentarmos por uma compreensão de afetividade como parte do processo interativo de constituição de relevância, expandimos a compreensão acerca das emoções e isso permite considerarmos a rede complexa de relações afetivas que compõem

as interações com o mundo. Rejeitamos, pois, uma abordagem individualista da afetividade, segundo a qual emoções podem ser identificadas com estados internos de um organismo cuja função é prover informação sobre o significado de situações externas. Sugerimos, portanto, um deslocamento da compreensão da afetividade como *produto* das relações, para um *modo de se relacionar* com o mundo, essencialmente em co-construção.

Suspeitamos que a compreensão da afetividade como produto ou reação das interações com o meio externo, tal como propunham as perspectivas tradicionais, se deve justamente ao fato de identificarmos respostas corporais subsequentes às ações ou eventos. Mas esse é um recorte restritivo. Se optarmos por um enquadramento mais amplo, tal como propomos, podemos reconhecer a integração entre as respostas corpóreas, fenomênicas, cognitivas-avaliativas, etc, e a normatividade autônoma que se desdobra na interação. Isso significa que a normatividade individual, que é composta por múltiplos aspectos - entre eles os corpóreos, cognitivo-avaliativos e fenomênicos -, atua na composição da afetividade relacional que emerge dessa situação. Assim, ao reconhecer os diversos fatores que compõem as emoções, como os aspectos corpóreos, fenomênicos, cognitivo-avaliativos, etc, podemos qualificar as interações como, por exemplo, amorosas, agressivas, colaborativas ou refratárias. Com isso, enfatizamos a multiplicidade da determinação das emoções como modos de relação em sistemas dinâmicos e complexos. Para uma compreensão enativista linguística da afetividade as relacionalidades afetivas vão se co-construindo em um tensionamento constante entre as normatividades individuais e interacionais.

## **CONCLUSÕES:**

Em síntese, o propósito desta pesquisa foi, primeiramente, propor uma sistematização das principais teorias encontradas na literatura a partir de duas perspectivas, sendo estas, a tradição corpórea e a tradição cognitivista-avaliativa. Tal apresentação teve por objetivo evidenciar a fragmentação e o internalismo implícito nas compreensões tradicionais sobre afetividade. Nosso segundo objetivo foi o de expor duas teorias de múltiplos aspectos acerca das emoções a fim de argumentar pela não suficiência da presença dos aspectos corpóreos, cognitivos-avaliativos e ambientais. Para assim, como um terceiro objetivo deste texto, ressaltar que a partir de uma perspectiva enativista linguística é necessário considerar a afetividade enquanto modos de relacionalidade a partir de uma complexa rede de interações com o mundo que emerge conjuntamente com os aspectos corpóreos, cognitivos-avaliativos, fenomênicos, sociais, neurais, interacionais e históricos. Desse modo, o objetivo central deste texto foi o de propor uma compreensão da afetividade a partir do enativismo linguístico que seja não representacional, corporificada e social das emoções, que rejeite a fragmentação entre os aspectos corpóreo e cognitivo-avaliativo, bem como expanda e aprofunde as teorias de múltiplos aspectos.

Dessa forma, reconhecer a afetividade enquanto modos de relacionar-se historicamente e a partir de um emaranhado de relações de múltiplas temporalidades e dimensões parece revelar também uma dimensão ética-política das interações afetivas. Ao buscar desmistificar a visão individualista sobre a

mente e as emoções, e enfatizar o caráter relacional da afetividade, acreditamos contribuir para uma responsabilização coletiva em direção a interações afetivas mais saudáveis, menos opressivas e adoecedoras. Reconhecemos que essa proposta para a ética não é inédita, mas apontamos que ela se apresenta como uma contribuição enativista linguística no que diz respeito às emoções. Pois, nessa perspectiva, somos responsáveis também pelo nosso modo de engajamento e pela afetividade que se desdobra a partir da nossa participação. Isto é, pelo quanto impomos nossa normatividade afetiva em uma interação e pelo que ela representa socialmente. De Jaegher (2021) sugere que essa sensibilidade em interações, a saber, de administrar a normatividade individual e interativa de modo a valorizar tanto a individualidade quanto a interação, é uma das mais relevantes e desafiadoras condições humanas.

Portanto, supomos que a partir de uma concepção relacional, não representacionalista e social das interações afetivas, torna-se possível conceber interações menos punitivas, coercitivas e violentas em um âmbito mais ampliado e não restrito aos produtos emocionais individuais. Um paradigma relacional da afetividade pode nos permitir capturar as dinâmicas das relações afetivas de forma bastante concreta, identificando pactuações, neutralizações, perturbações ou rupturas frente a históricos engajamentos afetivos opressivos ou violentos, por exemplo.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARNOLD, M. B. **Emotion and personality**. New York: Columbia University Press, 1960.

BARRETT, L. F. **How emotions are made: the secret life of the brain**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

DE JAEGER, H. **Loving and knowing: Reflections for an engaged epistemology**. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 20, n. 5, p. 847–870., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11097-019-09634-5>

DEONNA, J.; TERONI, F. **The Emotions: A Philosophical Introduction**. London: Routledge, 2012.

DI PAOLO, E; CUFFARI, E.; DE JAEGER, H. **Linguistic Bodies: The continuity between Life and Language**. MIT Press, 2018.

EKMAN, P. **A Linguagem das Emoções**. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

GRIFFITHS, P.; SCARANTINO, A. Emotions in the Wild: The Situated Perspective on Emotion. In: ROBBINS, P.; AYDEDE, M. **The Cambridge Handbook Of Situated Cognition**, p. 437-453, 2009.

JAMES, W. **As Emoções**. Trad. Daniela Cerdeira e Gallia Bronowski. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, v. 11, n.4, p. 669-674, 2008.

LAZARUS, R. S. **Emotion and adaptation**. New York: Oxford University Press, 1991.

NUSSBAUM, M. **Upheavals of thought: The intelligence of emotions**. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 8 ed. 2008.

SOLOMON, R. C. **Fiéis às nossas emoções**. Trad. Miriam Medeiros. Civilização Brasileira, 2015.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. (2016). Enaction: Embodied Cognition. In: VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **The embodied mind: Cognitive science and human experience**. MA: MIT press, p. xvii 1991/2016, p. 147-172.